

O despertar ameaçado: adolescência, sexualidade e HIV* 2

Sérgio José A. Almeida**

RESUMO

A década de 80 trouxe consigo uma enfermidade aparentemente nova: a AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), que foi noticiada pela primeira vez nos Estados Unidos da América em 1981. A doença rapidamente se espalhou pelo mundo, tendo chegado ao Brasil em 1983.

Pesquisadores do comportamento sexual da sociedade brasileira colocaram como a questão da orientação sexual e dos papéis de gênero contribuíram para a disseminação da AIDS entre nós.

Na cidade de São José do Rio Preto, Estado de São Paulo, o primeiro caso de AIDS foi diagnosticado em 1986 mas rapidamente a doença se espalhou, sendo que hoje (1998), a cidade oscila entre o quinto e o sexto lugar em incidência de AIDS por número de habitantes no Brasil.

* Trabalho merecedor de Menção Honrosa no IV Congresso Paulista de Sexualidade Humana-SP.

** Médico psiquiatra. Terapeuta e Educador Sexual. Professor Adjunto. Doutor da FAMERP.

Recebido em 04.03.98

Aprovado em 13.03.98

A partir de 1992, a Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, dentro da Disciplina Sexualidade Humana instituiu um programa opcional de sexo protegido, que seria desenvolvido por estudantes de medicina, em escolas públicas do segundo grau, embora faltassem dados seguros a objetivos a respeito das dúvidas destes estudantes.

Aleatoriamente, foram escolhidas dez escolas e a população pesquisada foi de 595 alunos, sendo 252 homens e 343 mulheres. A análise dos dados coletados mostrou que as dúvidas femininas estavam bastante ligadas aos papéis de gênero, mantendo a relação AIDS/afetividade (exemplo: beijo). Entre os homens porém as dúvidas eram mais diretas em relação a área sexual, núcleo do pensamento masculino: “sexo por sexo” (exemplo: sexo oral).

Portanto, o resultado da pesquisa solidifica em muito as formulações teóricas e a dinâmica das oficinas de sexo protegido pois as informações a serem fornecidas vão ao encontro dos reais anseios dos participantes.

INTRODUÇÃO

Uma nova enfermidade começou, aparentemente, a surgir nos primeiros anos da década de 80. O público americano tomou conhecimento de sua existência em 21.12.81 através da revista *Newsweek*. Esta enfermidade estava atacando homossexuais em Nova York e se relacionava com diarreias, pneumonia e certas formas de câncer. Rapidamente começou a se espalhar por todo o país. Homens com a mesma doença, porém com orientação heterossexual, mas usuários de drogas injetáveis, também começaram a surgir. Finalmente imigrantes do Haiti fecharam o ciclo da enfermidade dos três “H”. Mais tarde hemofílicos e pessoas que receberam transfusões de sangue também passaram a apresentar a mesma doença.

Essa enfermidade seria conhecida como AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) que é transmitida pelo HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) assim denominado a partir de 1986.

A AIDS atacava grupos marginais da sociedade e era transmitida por sangue, esperma e fluídos vaginais. Porém não foi vista como uma nova DST mas sim como um divisor de águas que separava os que transgrediam e os que assim não o faziam.

A doença causa sua primeira morte, oficial, no Brasil em 1983, trazendo consigo o conceito de “grupos de risco” ou seja ela seria característica de homossexuais, usuários de drogas injetáveis e profissionais do sexo. Desta maneira a maior parte da população se sentiu bastante protegida pois a grande maioria não se enquadrou nas categorias acima mencionadas. Apresentando a sociedade brasileira características distintas da sociedade americana rapidamente o vírus se espalhou pelo país e além dos “grupos de risco” homens heterossexuais, mulheres e crianças começaram a se infectar. Na cidade de São José do Rio Preto os dois primeiros casos notificados o foram em 1986, sendo a transmissão por via sexual. O vírus rapidamente se espalhou pela região e a cidade ocupa hoje o 5º lugar no Estado e o 6º no Brasil em incidência por cem mil habitantes.

OBJETIVOS

O objetivo do presente trabalho é levantar dados concretos e atuais a respeito das dúvidas AIDS/SEXO entre estudantes do colegial, para serem utilizados nas campanhas preventivas as quais tem a escola como alvo preferencial.

MATERIAIS E MÉTODOS

Nos anos de 1992 e 1997 a Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto contou com um programa de sexo protegido. Dele participavam um professor orientador e alunos voluntários que cursavam o segundo ano médico. Os alunos recebiam um treinamento de 16 horas, dividido em quatro módulos de quatro horas cada um. Estes módulos se constituíam em:

1. aspectos gerais da AIDS;
2. preconceitos sócio sexuais;
3. sexo protegido;
4. situações conflitivas e controversas em sexualidade humana.

Esses ensinamento eram semanalmente repassados a alunos de segundo grau de escolas públicas. Observações de campo, análise dos dados recolhidos nos debates escolares e reuniões com as equipes de trabalho vieram mostrar que melhor informado o mundo estudantil requeria dados novos que aumentassem seus conhecimento e tornassem o ensinamento mais dinâmico e atualizado. Daí organizou-se esta pesquisa.

A escolha para aplicação da pesquisa recaiu sobre a Segunda Delegacia Estadual de Ensino de São José do Rio Preto. Isto se deu de forma aleatória (sorteio).

Podemos dividir o andamento da pesquisa em três fases:

- Primeira fase - Um projeto pormenorizado foi encaminhado Delegado Regional de Ensino.
- Segunda fase -Relacionamos as escolas que apresentavam curso Colegial, a Chamada Escola Estadual de 1º e 2º grau. Estas escolas perfaziam um total de 10.
- Terceira fase -Aplicação aos alunos da seguinte questão: “Quais as suas três principais dúvidas na relação AIDS/SEXO”?

As respostas a questão formulada deveriam ser anotadas em uma folha em branco, individualmente, por participante. Não deveriam identificar-se haveria necessidade de anotar o sexo (masculino/feminino) e a idade. O grau de escolaridade não se fez necessário pois todos cursavam o segundo colegial o total de sujeitos pesquisados foi de 595, divididos entre 252 homens e 343 mulheres. A faixa etária da amostragem feminina situava-se entre 15 e 47 anos; a masculina entre 15 e 31 anos, concentrando-se ambas entre 15 e 18 anos.

RESULTADOS

As respostas/dúvidas foram divididas de acordo com o sexo da população (masculino e feminino). Adotando apenas o critério da relação AIDS/SEXUALIDADE, temos o seguinte resultado:

QUADRO 1
População masculina – Respostas

Relação AIDS/SEXUALIDADE		
	Nº	%
sexo oral	175	23,1
camisinha	97	12,8
sexo anal	83	10,9
masturbação	71	9,3
beijos/saliva	58	7,6
sexo com animais	20	2,6
respostas desprezadas	252	33,7
TOTAL	756	100,0%

QUADRO 2
População feminina – Respostas

Relação AIDS/SEXUALIDADE		
	Nº	%
beijos/saliva	192	18,6
sexo oral	133	12,6
camisinha	104	10,1
sexo anal	58	5,6
coito interrompido	52	5,0
respostas desprezadas	490	47,8
TOTAL	1029	100,0%

Considerando um critério mais amplo selecionamos dez dúvidas que apareceram com maior frequência.

QUADRO 3
População masculina – Dúvidas

Relação AIDS/dúvidas mais frequentes		
	Nº	%
sexo oral	175	12,1
camisinha/uso/não uso	97	12,8
sexo anal	83	10,9
masturbação/carícias íntimas	71	9,3
beijos/saliva/...	58	7,6
relação talheres/copos/...	54	7,1
outros meios de contágio	42	5,5
homem/mulher/maior facilidade	39	5,1
grupo de risco/o que é/quem é	28	3,7
sexo com animais	20	2,6
respostas desprezadas	89	12,3
TOTAL	756	100,0%

QUADRO 4
População feminina – Dúvidas

Relação AIDS/dúvidas mais frequentes		
	Nº	%
beijo/saliva/...	192	18,6
sexo oral	133	12,9
camisinha	104	10,1
transmissão mãe/filho	92	8,9
aleitamento materno infantil	82	7,9
grupo de risco/quais são/o que são	78	7,5
relação talheres/copos/... AIDS	72	6,9
sexo anal	58	5,6
coito interrompido	52	5,0
tempo para detectar o vírus	48	4,6
respostas desprezadas	118	12,0
TOTAL	1029	100,0%

DISCUSSÃO

A sociedade em que vivemos é regida por regras sociais bem estabelecidas e, especialmente, as que indicam como homens e mulheres devem agir, estão delimitadas em suas amplitudes. Este processo de condicionamento social tem início antes mesmo do nascimento, ou seja, através das fantasias dos pais o futuro homem realizar-se-á na profissão e a futura mulher no lar e na maternidade. Por ocasião do nascimento essa diferenciação entre os sexos se acentua e por influência da família e da sociedade, a criança começará a desenvolver os chamados papéis de Sênero.

Fry (1986), Mott (1988) e Parker (1991) colocaram que a atitude sexual do homem brasileiro é muito mais permissiva, porque se baseia mais no comportamento sexual (ativo/passivo) que na orientação de gênero. Na cultura brasileira o papel masculino é o ativo, o do penetrador, vaginal ou anal, e o feminino é o passivo, o penetrado. Pollak (1990) nos traz conceito semelhante quando analisa variações sexuais que envolvem sexo entre homens em culturas mediterrâneas. Estes conceitos são muito importantes para se entender parte do binômio Sexualidade/AIDS no Brasil, pois em vista deles é que grande porcentagem dos homens que fazem sexo com homens, regular ou ocasionalmente, se colocavam ou se colocam a margem da doença. Desta forma tenta-se de forma errada avaliar a orientação sexual das pessoas através dos papéis por ela representados.

O grande medo dos pais em relação aos filhos é a respeito de uma orientação sexual relacionada ao homossexualismo. No caso das mulheres o que se tenta evitar é a promiscuidade sexual, sexo fácil e com variação de parceiros. Dentro das diferentes formas de educar temos que: “o sexo sem amor, masculino, se choca constantemente com o sexo com amor feminino” (Matarazzo, 1982).

A chegada da AIDS veio mostrar que estes papéis não eram assim tão rígidos nem tão rigorosamente seguidos.

O crescimento gritante da AIDS na cidade de São José do Rio Preto, a partir de 1986, motivou no ano de 1992 uma modificação no programa da disciplina de Psicologia Aplicada a Medicina, área de Sexualidade Humana, da Faculdade de Medicina desta cidade. Neste ano, foi introduzido um programa de sexo protegido a ser realizado nas escolas públicas da cidade. Pesquisas de campo realizadas nos anos de 1992/1997 mostraram-nos que a maior parte da população estudantil conhecia os elementos básicos de contaminação (sangue, espermatozoides e fluído).

dos vaginais), porém apresentava vários outros tipos de dúvidas. Por esta razão se fez necessária uma pesquisa para que dados mais eficientes e objetivos fossem trazidos para o programa de sexo protegido. Para sua aplicação, de forma aleatória, foram escolhidas as escolas públicas pertencentes a Segunda Delegacia Regional de Ensino de São José do Rio Preto. Dentro da escola pública optamos por alunos que cursavam o segundo colegial e o fato se deve, principalmente aos fatores:

- A. Por não estarem em ano de vestibular, dispõem de maior tempo no colégio podendo empregar o horário de uma aula para responder a pesquisa.
- B. Por não serem alunos excessivamente jovens já se encontram em início de vida sexual.
- C. Por estarem numa fase de desenvolvimento em que apresentam muita curiosidade a respeito de temas relacionados a sexo.

Analisando as dúvidas das mulheres verificamos que estão bastante relacionadas aos papéis de gênero, como transmissão do beijo, aleitamento materno e transmissão vertical. Homens parecem estar bem menos preocupados com estes aspectos. As preocupações masculinas se ligam mais diretamente ao sexo em si mesmo, sem grande relação com o emocional.

Desta forma se mostrou possível uma análise destes resultados dentro da sociedade brasileira estabelecida. Há necessidade também de se mostrar a crescente disseminação do HIV entre mulheres, que de praticamente zero % no início da enfermidade chega hoje a proporção de 3:1 em São José do Rio Preto (Ersa 57, 1997).

Temos algumas sugestões a serem apresentadas:

- a. Falar constante e pormenorizadamente sobre aspectos como beijo, saliva, carícias íntimas, masturbação, objetos em geral e áreas em comum.
- b. Aumento do número de pessoas que atuam na área, que ainda constituem um número reduzido.
- c. Organizar treinamentos intensivos, no que diz respeito a área sexual, para que os que atuem em prevenção não tenham maiores dificuldades em abordar, sem preconceitos e com total naturalidade temas controversos da sexualidade humana, como sexo anal, sexo oral, travestismo, prostituição etc.

- d. Equipes que falem a linguagem do público-alvo, uma vez que os “iguais” são mais ouvidos, porque os “outros” não entenderiam bem o que aconteceria com eles (adolescentes, drogados, profissionais do sexo etc...) e teriam “maior dificuldade” em ajudá-los.
- e. Refazer e aprofundar pesquisas como a realizada, para se obter constantemente, dados atualizados a cada vez mais adequados.
- f. Organizar permanentemente oficinas de sexo protegido que possam ser montadas de acordo com as orientações sexuais, sexo fisiológico etc. Por exemplo, teríamos oficinas específicas para homossexuais, para mulheres, para portadores, para parceiro(as) de portadores etc..., pois cada uma destas abrangeria áreas e interesses distintos dentro do mesmo tema.
- g. Crier oficinas com pequenos grupos, para suprir a necessidade de uma atuação mais direta, já que palestras e grandes campanhas pouco resolvem e são usadas para “lembrar” o fato.
- h. Organização de trabalhos que atinjam o maior número possível de pessoas e não apenas aquelas que se incluíam nos antigos grupos de risco.
- i. Formação de equipes específicas para atuarem na área escolar, devendo ser bem treinadas, contar com número suficiente de pessoas, e principalmente, ter autonomia de trabalho, medidas importantes para se evitar que a burocracia dificulte em demasia e inclusive, impeça um desempenho melhor, fato comum hoje em dia.
- j. Maior utilização de estudantes secundaristas e universitários, voluntários, que possam ser treinados para atuarem como monitores e multiplicadores em oficinas de sexo protegido.

Enfim, consideramos as informações e conclusões obtidas muito importantes, objetivas e necessárias para que se possam traçar metas mais adequadas à realidade de nossa cidade e de nosso meio escolar, podendo contribuir para que tenhamos maior probabilidade de êxito dentro da área por nós proposta, que é a prevenção de AIDS entre jovens estudantes.

CONCLUSÕES

1. Os alunos do segundo grau, adolescentes, mostram-se muito desinformados, tanto na esfera AIDS/sexo, quanto AIDS/aspectos gerais;

2. Sexo oral interessa a homens e mulheres;
3. Aleitamento materno e transmissão vertical interessam apenas as mulheres;
4. Sexo anal interessa mais aos homens;
5. Camisinha interessa a homens e mulheres;
6. Zoofilia interessa apenas a homens.

SUMMARY

The eighties brought a disease apparently new: AIDS (Acquired Immunodeficiency Syndrome), which was announced for the first time in the United States in 1981. The disease spread throughout the world, reaching Brazil in 1983.

Researchers of sexual behaviour in Brazilian society say that the question of sexual identity and that of gender roles have contributed to dissemination of AIDS among us.

In the city of São José do Rio Preto, São Paulo state, the first case of AIDS was diagnosed in 1986. The disease spread rapidly and nowadays (1995) the city oscillates between second and third place in incidence of AIDS for number of inhabitants.

From 1993, The Medical School of São José do Rio Preto, within the subject-matter Human Sexuality, created an optional programme of safe sex, which would be developed by Medical School students in public college schools.

Ten schools were chosen aleatorily. The population investigated consisted of 595 students, 252 males and 343 females.

The data analysis showed that the female doubts were widely connected to gender roles, maintaining the relation AIDS/affection (example: kiss). Among the males the doubts were directly related to sexual area, more according to male thought "sex by sex" (example: oral sex).

The research result will consolidate considerably the theoretical formulations and dynamics of safe sex workshops, since the information to be given will fulfil the real wishes of the participants.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALBERONI, F. (1986). *O erotismo*. Rio de Janeiro: Rocco.
2. ALBERONI, F. (1989). *A amizade*. Rio de Janeiro: Rocco.

3. ALMEIDA, S. (1984). *Miche*. São Paulo: 220p. Dissertação (Mestrado), Psicologia Social, PUC-SP.
4. ALMEIDA, S. (1989). *Seringas, Aids e sociedade*. Trabalho apresentado no I Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana, Rio de Janeiro, 19 a 21 de maio.
5. ALMEIDA, S. (1989). *Aids, shows e cinema, no reino da purpurina*. Trabalho apresentado no I Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana, Rio de Janeiro, 19 a 21 de maio.
6. ARENAS, R. (1984). *Antes que anoiteça*. Rio de Janeiro, Record.
7. ATUCHA, L. M. (1989). *El sida y la planificacion familiar*. Sexus, 1(1):12-14.
8. BELL, A.; WEIBERG, M.; HAMMERSMITH, S. (1981). *Sexual preference - its development in men and women*. Bloomington, Indiana University Press.
9. BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO - AIDS (1994). *Ministério da Saúde*, 7(5).
10. BLOUIN, C. P.; CHIMOT, E.; LAUNERE, (1987). *Aids - informação e prevenção - imprensa e medicina em busca de respostas*. São Paulo, Summus.
11. CACERES, C.; ROSASCO, A. M. (1992). *Determinants of risk behavior among gay and bisexual area in Lima*. Trabalho apresentado na VIII Conferência Internacional SIDA, Amsterdam, 19 a 24 de julho.
12. CALLUF, E. (1990). *Aids: pânico ou esclarecimento*. Sexus, 2(5-6):23-27.
13. CARIDADE, A. (1991). *O comportamento sexual na adolescência*. Sexus, 3(4):8-10.
14. CASSENS, B. J.(1985). *Social consequences of the acquired immunodeficiency syndrome*. Annals of Internal Medicine 103:768-771.
15. CAVALCANTI, R. (1989). *Acerca da educação e da sexualidade*. Sexus, 1(1):22-24.
16. COLLARD, C. (1993). *Noites felinas*. São Paulo, Brasiliense.
17. DANIEL, H.; PARKER, R. (1990). *Aids, e terceira epidemia*. São Paulo, Iglu.
18. DANIEL, H.; MICCOLIS, L. (1983). *Jacarés e lobisomens*. Rio de Janeiro, Achiamé.
19. DELVIN, D. (1987). *Relatório Delvin sobre sexo sem perigo (na era da Aids)*. Rio de Janeiro, Record.
20. EPIDEMIOLOGIA DA AIDS (1994). *Ersa-57*, São José do Rio Preto.
21. ESCOSSIA, F. (1994). *Afeto determina uso de camisinha entre gays*. Folha de S.Paulo, 23 de junho, p. 3-5.
22. FREIRE, J. (1992). *A inocência e o vício*. Rio de Janeiro, Relume-Dumara.
23. FRY, P.; MCRAE, E. (1986). *O que é homossexualidade*. São Paulo, Brasiliense.
24. FUCS, G. (1990). *A sexualidade masculina da classe média de Salvador*. Bahia, Brash, Sexus. 2(2):6-11.
25. GOFFMAN, E. (1963). *Stigma-notes on the management of spoidek identity*. New Jersey, Prentice-Hall.
26. LEITES, E. (1987). *A consciência puritana e a sexualidade moderna*. São Paulo, Brasiliense.

27. LIMA, D. M. (1983). *Os homoeróticos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves.
28. LIMA FERREIRA, C. V. (1994). *Aids e vida*. São Paulo, Lemos.
29. MACHADO, L. C. (1982). *Descansa em paz, Oscar Wilde*. Rio de Janeiro, Codreci.
30. MANN, J.; TARANTOLA, D. J. M.; NETTER, T. W. (1993). *A Aids no mundo*. Rio de Janeiro, Relume-Dumara, ABIA, IMS, UERJ.
31. MANTEGA, G. (1979). *Sexo e poder*. São Paulo, Brasiliense.
32. MASTERS, W. H.; JOHNSON, V. E. (1979). *Homossexualidade em perspectiva*. São Paulo, Artes Médicas.
33. MASTERS, W. H.; JOHNSON, V. E. (1988). *O relacionamento amoroso*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
34. MATARAZZO, M. H.; MANZIN, R. (1988). *Educação sexual nas escolas*. São Paulo, Paulinas.
35. MATARAZZO, M. H. (1982). *A nova mora sexual*. Arte de Amar, 1(1):7-9.
36. MATARAZZO, M. H. (1982). *Sexo com amor e sexo sem amor*. Arte de Amar, 1(1):1922.
37. MATARAZZO, M. H. (1982). *Relações extraconjugais*. Arte de Amar, 2(2):91-95.
38. MATARAZZO, M. H. (1982). *Papéis sexuais*. Arte de Amar, 3(3):91-95.
39. MESQUITA, F. (1992). *Aids, um conto santista*. São Paulo, Anita Garibaldi.
40. MONEY, J.; TUCKER, P. (1981). *Os papéis sexuais*. São Paulo, Brasiliense.
41. MONEY, J. (1990). *Pesquisa de gênero homossexual / heterossexual: do pecado à ciência e à polícia secreta*. Sexus, 2(3):3-8.
42. MOTT, L. (1988). *O sexo proibido*. Campinas, Papirus.
43. PAGLIA, C. (1993). *Sexo, arte e cultura americana*. São Paulo, Companhia das Letras.
44. PAMPLONA, R. (1994). *Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana*. São Paulo, Agente.
45. PARKER, R. (1991). *Corpos, prazeres e paixões - a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo, Best Seller.
46. PARKER, R.; BASTOS, C.; GALVÃO, J.; PEDROSA, J.S.; et al. (1994). *Aids no Brasil*. Rio de Janeiro, Relume-Dumara, ABIA, IMS, UERJ.
47. PARKER, R. (1994). *As construções da solidariedade - aids, sexualidade e política no Brasil*. Rio de Janeiro, Relume-Dumara, ABIA, IMS, UERJ.
48. PENNA, L. (1989). *Corpo sofrido e mal amado: as experiências da mulher com o próprio corpo*. São Paulo, Summus.
49. PEREIRA LOPES, G. (1985). *A sexualidade e a educação sexual na escola*. Sana Sex, 3(3):2-4.
50. PEREIRA, C.; OLIVEIRA, M. (1994). *Eu passo Aids*. IstoÉ, 1314:40-45.
51. PERLONGHER, N. (1987). *O que é aids*. São Paulo, Brasiliense.
52. PERLONGHER, N. (1987). *O negócio do michê*. São Paulo, Brasiliense.
53. PETRI, V. (1988). *Sexo, fábulas & perigos - um ensaio médico social*. São Paulo, Iglu.

54. POLLACK, M. (1990). *Os homossexuais e a Aids - sociologia de uma epidemia*. São Paulo. Estação Liberdade.
55. REYES DONOSO, M. M.; ORTUZAR, G. (1991). *Actitud de confianza em la eficacia del preservativo masculino (condon) para prevenir el Sida*. Universidad de Concepcion. Trabalho apresentado na Jornada Internacional de Investigacion em Enfermeria, 15 a 18 de Outubro.
56. RIBEIRO, M. (1991). *O adolescente e o sexo*. Sexus 3(3):13-17.
57. RICHARDS, J. (1993). *Sexo, desvio e danação*. Rio de Janeiro, Zahar.
58. SCHIAVO, M. R. (1991). *O impacto sexual da Sida/Aids*. Sexus 3(2):17-21.
59. SHILTS, R. (1987). *O prazer com risco de vida*. Rio de Janeiro, Record.
60. SILVA, A. (1986). *Memórias da guerra*. Rio de Janeiro, Record.
61. SILVA, A. (1992). *Lábios que beijei*. São Paulo, Siciliano.
62. SILVA, A. C. (1985). *A sexualidade e a adolescência*. Sana Sex, 6(6):4-8.
63. SILVA, A. C. (1990). *A rainha Victoria: um exemplo de virtude e moralismo*. Sexus 2(5-6).
64. STYCER, M. (1993). *Brasileiro quer educação sexual nas escolas*. Folha de S.Paulo, São Paulo, 27 de junho, Pp. 4-5.
65. TONERRI, N. (1985). *Esteriótipos*. Sana Sex, 5(5):5.
66. USSEL, J. V. (1980). *Repressão sexual*. Rio de Janeiro, Campos.
67. VIEIRA, C. A. (1995). *Aids mata uma pessoa a cada 48 horas em R.P.* Diário da Região, São José do Rio Preto, 20 de janeiro, p. 13.
68. VITIELLO, N. (1985). *Educação sexual na escola*. Sana Sex, 6(6):1-4.
69. WERNER, D. (1990). *Variação cultural na sexualidade humana*. Sexus 2(56):15-22.